



SEÇÃO: EPISTEMOLOGIA E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

## Introdução à lógica da medida segundo Hegel

*Introducción a la lógica de la medida según Hegel*

*Introduction to the logic of measure according to Hegel*

**Agemir Bavaresco<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-7967-4109](https://orcid.org/0000-0002-7967-4109)

[abavaresco@pucrs.br](mailto:abavaresco@pucrs.br)

**Christian Iber<sup>2</sup>**

[orcid.org/0009-0008-9252-5790](https://orcid.org/0009-0008-9252-5790)

[iber\\_bergstedt@yahoo.de](mailto:iber_bergstedt@yahoo.de)

**Recebido:** 21 jan.2023.

**Aprovado:** 11 mar.2023.

**Publicado:** 30 abr.2024.

**Resumo:** A pesquisa trata de uma introdução à lógica da medida de Hegel. O objetivo é fornecer uma visão geral da terceira seção da Lógica do Ser: a Lógica da Medida. O problema é entender o porquê a unidade subjacente do ser é denominada de indiferença absoluta e como ela se diferencia da indiferença do ser puro? Em outras palavras, a indiferença absoluta é descrita como relação quantitativa inversa dos fatores de duas determinações qualitativas. Então, como essa contradição é dissolvida e, ao mesmo tempo, possibilita a passagem para a essência? Para explicitar esse problema, primeiramente, reconstruímos o desenvolvimento lógico da categoria da medida na terceira seção da Lógica do Ser; descrevemos a contradição da indiferença absoluta de duas qualidades como uma relação quantitativa inversa entre seus fatores. Depois, apresentamos a categoria da medida segundo a *Enciclopédia*. Há uma dupla transição na Lógica do Ser a partir da lógica da medida: da quantidade para a qualidade e da qualidade para a quantidade. A transição da medida para o sem medida e, deste, para a indiferença absoluta explicita a supressão de todas as determinidades qualitativas e quantitativas do ser.

**Palavras-chave:** Lógica da Medida. qualidade e quantidade. sem medida. absoluta indiferença.

**Resumen:** La investigación es una introducción a la lógica de la medición de Hegel. El objetivo es ofrecer una visión general de la tercera sección de la Lógica del Ser: Lógica de la Medida. El problema es ¿por qué la unidad subyacente del ser se llama indiferencia absoluta y en qué se diferencia de la indiferencia del ser puro? En otras palabras, la indiferencia absoluta se describe como una relación cuantitativa inversa entre los factores de dos determinaciones cualitativas. Entonces, ¿cómo se disuelve esta contradicción y, al mismo tiempo, se permite pasar a la esencia? Para explicar este problema, en primer lugar, reconstruimos el desarrollo lógico de la categoría de medida en la tercera sección de la Lógica del Ser; Describimos la contradicción de la indiferencia absoluta de dos cualidades como una relación cuantitativa inversa entre sus factores. Luego, se presenta la categoría de medición según la Enciclopedia. Hay una doble transición en la Lógica del Ser desde la lógica de la medida: de la cantidad a la calidad y de la calidad a la cantidad. El paso de la medida a la inconmensurabilidad y de ésta a la indiferencia absoluta explica la superación de todas las determinidades cualitativas y cuantitativas del ser.

**Palabras clave:** Lógica de Medida; calidad y cantidad; sin medida; absoluta indiferencia.

**Abstract:** The research is an introduction to Hegel's Logic of Measure. The aim is to provide an overview of the third section of the Logic of Being: Logic of Measure. Why is the underlying unity of being called absolute indifference, and how does it differ from the indifference of a pure being? In other words, absolute indifference is the inverse quantitative relation of the factors of two qualitative determinations. So how is this contradiction dissolved, and, at the same time, does it make it possible to move on to essence? To explain this problem, we first reconstruct the logical development of the measure category in the third section of the Logic of Being; we describe the contradiction of the absolute indifference



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Professor do PPG de Filosofia da PUCRS.

<sup>2</sup> Pesquisador da Universidade Livre de Berlim e Professor da Universidade de Freiburg.

of two qualities as an inverse quantitative relation between their factors. Then, we present the category of measure according to the *Encyclopedia*. There is a double transition in the Logic of Being from the logic of measure: from quantity to quality and from quality to quantity. The transition from measure to measureless and measureless to absolute indifference explains the supersession of all the qualitative and quantitative determinants of being.

**Keywords:** Logic of Measure; quality and quantity; measureless; absolute indifference.

## Introdução

O desenvolvimento lógico da categoria da medida é explicitado na terceira seção da *Lógica do Ser*. Nossa pesquisa elabora, no primeiro item, a determinação conceitual da categoria da medida conforme é apresentada na *Lógica do Ser*; descreve a medida na história da filosofia e a diferença entre as determinações da medida e as determinações da essência. No item dois, trata da contradição da indiferença absoluta em duas qualidades como uma relação quantitativa inversa entre seus fatores; explica, com base na observação de Hegel, a força centrípeta e centrífuga do movimento elíptico dos planetas ao redor do sol. O item três introduz a categoria da medida de acordo com a *Enciclopédia*. Aqui, o foco é a dupla transição da *Lógica do Ser*: da quantidade para a qualidade e da qualidade para a quantidade conforme ocorre na lógica da medida. A transição da medida para a categoria do "sem medida" e deste para a indiferença absoluta, torna explícita a dependência das qualidades das diferenças quantitativas, o que leva à supressão de todas as determinidades qualitativas do ser. Isso remete à contradição unilateral da indiferença absoluta como categoria final do ser que não mais pode ser remediada dentro da própria *Lógica do Ser*. Por fim, o quarto item examina a transição do ser como indiferença absoluta para a essência.

## 1 Contextualização da categoria da medida

No final da seção da quantidade, realiza-se a passagem para a última seção da *Lógica do Ser*: a medida. Hegel realizou a passagem da qualidade para a quantidade e, agora, realiza a

passagem inversa: da lógica da quantidade para a qualidade, isto é, há uma "passagem dupla" (HEGEL, 2016, p. 345). No terceiro capítulo, da segunda seção intitulada *Quantidade*, a relação quantitativa, item C, na relação de potências, a qualidade conceitual do quantum foi completada. Portanto, ocorre um "retorno" à qualidade, pois, o quantum adquire um significado qualitativo. Ele é "aquilo pelo qual algo é o que é" (HEGEL, 2016, p. 345). A introdução à terceira seção, contextualiza a medida na lógica do ser (qualidade, quantidade) com referências históricas e aponta a transição do ser para a essência (HEGEL, 2016).

A figura do ser relacionado a si mesmo, o ser para si qualitativo do quantum na relação de potências é responsável pelo retorno do quantum à qualidade. O quantum "se tornou seu outro, a qualidade, na medida em que aquela exterioridade [da determinidade, ou seja, da determinidade quantitativa] agora está posta como mediada por ele mesmo [o quantum], como um momento, de tal modo, que ele, precisamente nela, relaciona-se consigo mesmo, ser como qualidade" (HEGEL, 2016, p. 345).

Em sua autorrelação, o quantum torna-se momento do ser como qualidade. Então, a qualidade não é retomada em seu significado tal como foi deduzida na primeira seção, mas é tematizada conforme as determinações abertas pela quantidade. Esta é a nova perspectiva da qualidade: a qualidade determinada quantitativamente, isto é, mediada pela quantidade.

A medida é um quantum qualitativo, algo qualitativo de grandeza determinada. Hegel discute se sua concepção da medida tem precedentes filosóficos. Porém, ele não encontra equivalência para a categoria da medida como terceira categoria na estrutura lógica da qualidade e quantidade em debates filosóficos anteriores. Kant (2001) apresenta a modalidade como a terceira categoria e não a medida. Hegel vê sua concepção prefigurada no "modus" de Spinoza e outros "sistemas do panteísmo" (p. 350). Mas o "modus" representa o fim da sequência descendente do absoluto, atributo e "modus", a exterioridade, não a unidade.

A categoria da medida vale universalmente e é expressa em uma proposição: "Tudo o que é aí, tem uma medida" (HEGEL, 2016, p. 358), isto é, todo algo tem uma medida dentro de si. Afirmar que "tudo tem uma medida" implica "a necessidade como o limite antigo que a tudo está posto" enquanto na unidade de qualidade e quantidade, a medida é "a verdade concreta do ser" (p. 352).

O quantum como medida é algo que não é indiferente à sua grandeza, que é diferente do mero quantum: "O quantum como medida cessou de ser limite que não é limite; ele é, doravante, a destinação [determinação] da Coisa" (HEGEL, 2016, p. 358). O caráter de substrato da medida é explícito, isto é, está pressuposto um substrato qualitativo, ou seja, um algo qualitativo determinado pela quantidade.

O filósofo fala de uma "matemática da natureza" (p. 354), que se distingue do desenvolvimento lógico da medida. A categoria da medida serve sobretudo para explicar fenômenos naturais. Considera-se o desenvolvimento da medida como "uma das matérias mais difíceis", pois, de um lado, teria que proceder à "determinação progressiva abstrata do quantitativo (de uma matemática da natureza)", isto é, aquilo que praticam a física e a química; por outro lado, teria que ser mostrada a "conexão dessa determinação da medida com as *qualidades* das coisas naturais" (idem.). A lógica da medida não é uma ontologia regional, mas a categoria da medida desempenha um papel na aplicação da filosofia da natureza, cuja verdadeira esfera está no campo do "mecanismo", no qual o "corpóreo concreto" aparece apenas como "matéria abstrata", em que o qualitativo tem sua determinidade no quantitativo. Em nível "físico" enquanto "orgânico" (idem.), a medida é "perturbada" pelo "conflito de qualidades" e se torna "subordinada a relações superiores" (idem.). Os organismos são tematizados pela biologia que não trabalha com medidas como a física e a química, mas com totalidades vivas. Os organismos têm certas proporções enquanto totalidades vivas; eles são, categoricamente, constituídos de

forma diferente, pois seguem a lógica do conceito e, portanto, não são reduzidos às relações da medida. O espiritual supera a determinação da medida, pois o espírito assume a estrutura da lógica do conceito (HEGEL, 2016, p. 354).

A deficiência da medida torna-se explícita quando as determinações da medida se confrontam com as determinações da essência. A imediatidade da medida é apenas enquanto mediada, dado que as determinações são apenas momentos postos numa unidade<sup>3</sup>. Esta versão refletida das determinações já se encontra na medida, mas apenas "em si", ela "ainda não está *posta*" (p. 352). Isso significa que as determinações da medida (qualidade e quantidade) são determinações mediadas numa unidade que é meramente "unidade *que é*" (p. 352) como algo imediato e não refletido. As determinações da essência, pelo contrário, têm seu significado apenas na sua relação umas com as outras.

Mas a medida é apenas *em si* ou no conceito a essência: esse conceito da medida ainda não está *posto*. A medida ainda como tal, é ela mesma a unidade *que é* do qualitativo e do quantitativo; seus momentos são, enquanto um ser aí, uma qualidade e [os] quanta dessa qualidade, momentos que [são] apenas em si inseparáveis, mas ainda não têm o significado dessa determinação refletida (HEGEL, 2016, p. 352).

Isso significa que "a medida é apenas *em si* ou no conceito da *essência*". A essência como o "*conceito* da medida ainda não está *posto*". Trata-se, portanto, da transição da medida para a essência. Todos os elementos da essência estão presentes na medida, mas ainda não estão "postos" ou desenvolvidos como é necessário para a essência. Em seu desenvolvimento e realização, a medida encontra uma "mediação", por meio da qual ela é "determinada como supressumida". "Sua imediatidade, assim como a de seus momentos, desaparece, eles são enquanto refletidos; assim, ao surgir como aquilo o que é conforme seu conceito, ela passou para a essência" (HEGEL, 2016, p. 353).

<sup>3</sup> Na autorrelação qualitativa da "quantidade" (HEGEL, 2016, p. 352) ocorre a supressumção da determinidade qualitativa, constituindo a forma conceitual autossustentada da essência: "o ser em e para si" (Ibid., p. 391).

Na Lógica do Ser, a seção da medida desenvolve-se em três capítulos: primeiro, é um quantum específico, ou seja, um quantum com significado qualitativo; por exemplo, uma área limitada pintada de vermelho. No segundo, a medida é uma relação de quanta específicos enquanto medidas autossustentadas que, ao alterar suas relações quantitativas, passam umas para as outras, dissolvem-se e vão ao fundo na categoria do sem medida. No último capítulo, a indiferença das determinações das medidas passa à essência. Assim, na suprassunção dialética de si mesma, a medida realiza a transição do ser para a essência.

A contradição da indiferença como a relação inversa de seus fatores consiste no fato de que o aumento quantitativo de um fator leva à diminuição do outro até o seu desaparecimento, o que contraria o caráter qualitativo de sua relação negativa entre si, segundo o qual um fator é apenas se o outro for. Em sua relação inversa, os fatores são medidos e, ao mesmo tempo, não são medidos. A contradição da medida e sua autoprassunção constitui a unidade como relação negativa consigo, que não é mais "unidade *que é*" (p. 352). A transição da medida para a essência é aquela da unidade que é (*seiende Einheit*) do qualitativo e do quantitativo para a unidade negativa, mediada dentro de si, de seus momentos, que então não são mais determinações imediatas do ser, mas as determinações refletidas, intrinsecamente relacionadas da essência.

## 2 A medida enquanto devir da essência

O terceiro capítulo da terceira seção da Lógica do Ser está assim estruturado: A. Indiferença absoluta, B. Indiferença como relação inversa de seus fatores e C. Passagem para a essência.

A. A indiferença absoluta: o substrato subjacente das determinações lógicas do ser (qualidade, quantidade, medida) é, inicialmente, apreendido negativamente como indiferença absoluta, como indiferença [*Gleichgültigkeit*] às determinidades lógicas do ser na totalidade. Porém, as determinidades indiferentes não podem ser completamente indiferentes ao substrato indiferente, visto que a indiferença é a diferença suprassumida das

determinidades.

B. A indiferença como relação inversa de seus fatores: Quais consequências têm o substrato como indiferença para as determinidades? A determinação inicial é a seguinte: a indiferença de duas qualidades deve ser entendida como a relação quantitativa invertida de seus fatores. O problema é que existe uma contradição entre a relação quantitativa invertida de seus fatores e o caráter qualitativo de sua distinção.

C. Passagem para a essência: essa contradição da indiferença absoluta encontra sua dissolução e sua determinação progressiva da contradição da indiferença absoluta para a unidade da negatividade da essência.

Cabe aqui levantar algumas questões problematizadoras:

1. O ser como indiferença absoluta é a forma conceitual da filosofia da identidade de Schelling, que é criticado por Hegel na transição do ser para a essência. Considerando que a unidade subjacente do ser é denominada de indiferença absoluta, como então ela se diferencia da indiferença do ser puro?

2. Por que a indiferença absoluta é descrita como relação quantitativa inversa de fatores qualitativos, isto é, como uma contradição?

3. Como é dissolvida essa contradição que permite a transição para a estrutura da lógica da essência?

Vamos interpretar com nossas próprias palavras o item B, do terceiro capítulo, "O devir da essência": a indiferença como a relação inversa de seus fatores. Como essa fórmula deve ser entendida? O problema é o seguinte: na relação determinante das qualidades *a* e *b*, *x* e *y* são os seus fatores qualitativos, cuja desigualdade quantitativa deve explicar a diferença qualitativa de *a* e *b* que são "*duas qualidades*" (HEGEL, 2016, p. 404). Tanto a igualdade quantitativa quanto a desigualdade quantitativa de *x* e *y* anulam a diferença qualitativa de *a* e *b*. Essa contradição das determinações qualitativas *a* e *b* na relação quantitativa inversa de seus fatores qualitativos *x* e *y* resulta na indiferença de *a* e *b*.

A partir disso, pode-se concluir que duas coisas

qualitativamente determinadas ( $a$  e  $b$ ) não são apenas determinadas pela relação quantitativa de seus determinantes ( $x$  e  $y$ ), mas se referem umas às outras naquilo que elas são elas mesmas. O outro está contido naquilo que o um é. Vale averiguar a *conexão em termos de conteúdo entre as determinações*. Isso é feito na teoria da essência. Tal conexão necessária entre o conteúdo das determinações é, por exemplo, a conexão entre a *identidade* e a *diferença* enquanto determinações de relação. Em resumo:

Em  $a$  e  $b$ , apresenta-se o ser em geral como substrato. Sua relação é a de indiferença. Como eles podem ser qualitativamente diferentes? A diferença entre  $a$  e  $b$ , na qual apresenta-se um qualitativamente idêntico, é antes de tudo uma diferença quantitativa de seus fatores  $x$  e  $y$ . Um quantum total dos fatores  $x$  e  $y$  está subjacente à relação de divisão de seus quanta parciais. A relação quantitativa de  $x$  e  $y$  é inversa. As determinações  $a$  e  $b$  são qualitativamente diferenciadas de tal forma que o lado  $a$  é determinado pela preponderância de  $x$  sobre  $y$ , o lado  $b$  pela preponderância de  $y$  sobre  $x$ . Ao mais de  $x$  corresponde o menos de  $y$ <sup>4</sup>.

A determinação de  $a$  e  $b$  pelos fatores  $x$  e  $y$  apresenta uma contradição. O aumento quantitativo de  $x$  está relacionado com a diminuição quantitativa de  $y$ , o que leva ao seu desaparecimento e, portanto, também ao desaparecimento de  $x$ . Isso contradiz o caráter qualitativo de  $a$  e  $b$ , segundo o qual um apenas tem significado e realidade se isso também valer para o outro respectivo.

As determinações  $a$  e  $b$  estão qualitativamente ligadas entre si. O fato de estarem ligadas umas às outras se afirmam quantitativamente por meio do aumento e da diminuição em que seu fator  $x$  corresponde proporcionalmente à diminuição e ao aumento de seu fator  $y$ . Assim, os fatores

das determinações comportam-se de forma inversamente proporcional entre si. Se  $a$  apenas pode ser se  $b$  for também, então quanto for mais de  $x$  apenas pode ser se for menos de  $y$ . Mas o aumento de  $x$  não impede que  $y$  se torne cada vez menos, até que ele desapareça. A igualdade quantitativa dos fatores, entretanto, não pode ser jogada contra a suposição de sua relação quantitativa inversa, pois a igualdade quantitativa de  $x$  e  $y$  suprassume  $a$  e  $b$  se sua diferença qualitativa for baseada na desigualdade de sua quantidade. Assim tanto a igualdade quantitativa dos fatores  $x$  e  $y$  como sua desigualdade quantitativa suprassumem a diferença qualitativa de  $a$  e  $b$ . A diferença qualitativa de  $a$  e  $b$  é apenas a função da diferença quantitativa dos fatores  $x$  e  $y$ . Se esta última desaparece, aquela também desaparece. Assim, a unidade indiferente do todo está restaurada.

A forma determinante da medida e, portanto, do ser, evoluiu para uma contradição que não pode mais encontrar sua dissolução dentro da esfera do ser, mas aponta para além do ser. A contradição da identidade quantitativa do qualitativamente diferente e a diferença quantitativa do qualitativamente idêntico aponta para uma conexão em termos de conteúdo dos determinantes  $x$  e  $y$  para as determinações  $a$  e  $b$ . Entretanto, as determinações  $a$  e  $b$  não podem mais ser determinações qualitativas, mas devem ser determinações de relação.

As duas qualidades são determinadas pela relação quantitativa inversa de seus dois fatores qualitativos descritos na observação sobre força centrípeta e centrífuga, com base no movimento elíptico dos planetas ( $a$ ) ao redor do sol ( $b$ ), que é determinada pelo aumento e diminuição quantitativos de duas forças qualitativas, as forças centrípetas ( $x$ ) e centrífuga ( $y$ ).

<sup>4</sup> O qualitativo remonta às diferenças quantitativas sob o ponto de vista da filosofia da identidade de Schelling (1801). Sobre ela, Hegel diz na segunda seção sobre a grandeza (quantidade): "Porque o quantitativo é a determinidade posta como suprassumida, então se acreditou ter adquirido muito ou, antes, tudo, para a unidade do absoluto, para a *única* substancialidade, na medida em que se rebaixou a oposição em geral a uma diferença apenas quantitativa. *Toda a oposição é apenas quantitativa* foi por um tempo uma proposição capital da filosofia moderna; as determinações contrapostas têm a mesma essência, o mesmo conteúdo, elas são lados reais da oposição, na medida em que cada um dos mesmos tem ambos as suas determinações, ambos os fatores, nele, só que, por um lado, um fator é *preponderante*, por outro lado, o outro fator o é, em um lado, um fator, uma matéria ou atividade, estaria presente *em maior quantia* ou em grau mais forte do que no outro lado" (HEGEL, 2016, p. 249).

- As determinações qualitativas  $a$  e  $b$
- são determinadas  $\uparrow$
- pela distribuição quantitativa desigual dos fatores qualitativos  $x$  e  $y$ , que têm uma moldura quantitativa fixa (digamos:  $x^2, y^2$ ).

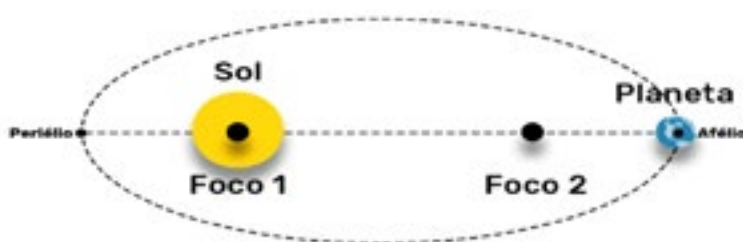
Na *Observação* sobre força centrípeta e centrífuga (HEGEL, 2016), o processo contraditório da indiferença absoluta como relação inversa de seus fatores é explicado por meio de um exemplo. Há um fenômeno que é explicado por fatores ou forças. Trata-se de explicar o movimento elíptico dos planetas ao redor do sol por duas forças. Estas duas forças são a força centrípeta e a força centrífuga. A contradição da força centrípeta e da força centrífuga manifesta-se no movimento elíptico dos planetas. A crítica de Hegel é que, tendo em vista a independência das duas forças, o aumento e a diminuição dos opostos não podem ser explicados. Entretanto, essa interação de forças deve ser assumida a fim de poder explicar o movimento dos planetas a partir das forças. Isso ocorre por causa do desequilíbrio e o equilíbrio de forças e vice-versa. A introdução dessas forças parece supérflua, pois elas nada contribuem para a explicação do movimento planetário.

Em outras palavras, o movimento elíptico dos planetas ao redor do sol não pode ser explicado pelo modelo de força centrípeta e centrífuga porque não é possível explicar como a força centrípeta crescente pode diminuir a partir de si mesma e a força centrífuga decrescente pode aumentar a partir de si mesma novamente. De acordo com esse modelo, ou os planetas caem no centro, no sol, ou se afastam cada vez mais do sol, e o movimento elíptico dos planetas ao redor do sol se dissolve em uma indiferença absoluta. É um movimento que se consome a si mesmo.

O quantitativo desse fato [o movimento planetário] está exatamente determinado pelo zelo incansável do observar [pelos trabalhos de Kepler] e o fato está reconduzido ulteriormente à sua lei e fórmula simples, com isso, está feito tudo o que, na teoria, precisa ser verdadeiramente exigido (HEGEL, 2016, p. 408).

A linha ilustra a má infinitude. O círculo ilustra a infinitude afirmativa (HEGEL, 2016, p. 154). A elipse (com um centro e dois focos) ilustra a indiferença passando para a essência como relação inversa de seus fatores. Um círculo apresenta um caso especial de uma elipse. Isso significa que a elipse é logicamente mais elevada do que a linha ou o círculo. De acordo com Hegel, a elipse é a síntese da linha e do círculo, e um movimento elíptico que pode gerar a si mesmo tem a forma lógica da essência.

Os planetas se movem ao redor do sol em órbitas elípticas e não em movimento circular. Os dois focos das órbitas elípticas são chamados de afélio e periélio. Os planetas assim se aproximam e se afastam do sol em suas órbitas elípticas. Esse fenômeno era explicado tradicionalmente, pelas duas forças, a centrípeta e a centrífuga. Hegel tenta mostrar que essa explicação não funciona na seção sobre indiferença absoluta. Os planetas correspondem às determinações qualitativas  $a$  e  $b$ ; a força centrípeta e a força centrífuga correspondem aos fatores qualitativos  $x$  e  $y$  e, por conta de sua distribuição quantitativa desigual, os planetas devem ser determinados em sua órbita elíptica ao redor do sol. A lei de Kepler (1609-1619) está correta, como diz Hegel, mas a interpretação de Newton (1642-1726) dessa lei, que introduz as duas forças como explicação, está errada.





Schelling (1801) explica a totalidade e a oposição da natureza e do espírito por meio da doutrina da potência. A natureza é o sujeito-objeto objetivo. Na natureza, portanto, o objetivo predomina quantitativamente. O espírito é o sujeito-objeto

subjetivo. No espírito, estamos tratando de uma preponderância quantitativa do subjetivo.

A determinação qualitativa da natureza e do espírito é assim determinada pela relação quantitativa inversa do objetivo e do subjetivo.

absoluto/indiferença	
natureza: sujeito-objeto objetivo aqui predomina o objetivo	espírito: sujeito-objeto-subjetivo aqui predomina o subjetivo

Hegel mostra que este modelo de explicar as coisas qualitativamente determinadas pela relação quantitativa inversa de seus fatores é inconsistente. Sua tese básica é: se o qualitativo é determinado apenas em função do quantitativo, então a determinação qualitativa se dissolve por completo. Resumindo: o fato de que as qualidades dependem completamente das diferenças quantitativas de seus fatores tem consequências desastrosas, pois leva à dissolução da determinidade qualitativa, conforme já vimos e ainda veremos mais de perto no item 4.

de si mesmo.], [...], o quantitativo é a *medida* (HEGEL, 1995, p. 212).

*A medida* é, primeiramente, algo muito *simples*: um *quantum qualitativo*, "antes de tudo como *imediato*, um quantum ao qual está unido um ser aí ou uma qualidade " (HEGEL, 1995, p. 214). Esse é o *quantum específico imediato*.

O ser humano, como espécie, tem uma altura específica, digamos 1m e 70cm, mais ou menos. Há seres humanos adultos muito pequenos e seres humanos muito altos; mas os polegares e gigantes existem apenas na ficção. O quantum específico está, assim, ligado em cada caso com uma certa margem, e nisso é "simples quanto; o ser-aí é suscetível de um aumento e [de uma] diminuição, sem que a medida, que nisso é uma *regra*, seja supressumida por esse fato" (HEGEL, 1995, p. 215).

### 3 A medida segundo a *Enciclopédia*

A *Enciclopédia* apresenta a lógica da medida por meio de uma dupla transição: (1) da quantidade para a qualidade (medida) e (2) da qualidade (medida) para a quantidade. Hegel mostra com isso que todas as determinidades qualitativas de medida são, em última análise, quantitativamente determinadas. Assim, as medidas se dissolvem, em última instância, em sem medida e as determinidades qualitativas de medida, finalmente, na indiferença. No final da lógica do ser, o mundo se perde na indiferença.

Por outro lado, as possibilidades de aumento e diminuição também são limitadas. Isso mostra o caráter qualitativo da medida. Se uma coisa aumenta ou diminui além de sua medida, a alteração, inicialmente, meramente quantitativa inverte em qualitativa. A Coisa perdeu sua medida; algo *sem medida* ocorre.

Sobre a transição da lógica da quantidade para a lógica da medida, Hegel diz no § 106 da *Enciclopédia*:

Se alguém tem uma *roça* grande e vende constantemente faixas dela, então, em algum momento, o resto não é mais uma roça, mas perdeu a medida da roça. Mas a ausência de medidas da roça não é nada sem medida em geral: o antigo dono da roça agora possui um *canteiro*, e o canteiro tem sua própria medida. Hegel diz sobre isso no § 109 da *Enciclopédia*:

Os *lados* da relação [quantitativa] são ainda quantos imediatos, e as determinações qualitativa e quantitativa são ainda exteriores uma à outra [temos, por um lado, os valores numéricos e, por outro lado, a função matemática pela qual eles estão qualitativamente relacionados]. Mas, segundo sua verdade – de que o quantitativo mesmo é relação para consigo em sua exterioridade [ou seja, na relação de potências, porque em sua potência um número se refere a si mesmo e se determina através

O "que-não-tem-medida" é, antes de tudo, esse ultrapassar de uma medida, por cima de sua determinidade qualitativa, mediante

sua natureza quantitativa. Mas, como a outra relação quantitativa – o “que-não-tem-medida” da primeira relação – é também qualitativa, “o-que-não-tem-medida” é igualmente uma medida [ausência de medida da roça é a medida do canteiro]; e essas duas passagens, da qualidade para o quanto [um canteiro de uma certa grandeza que pode ser diminuída] e do quanto para a qualidade [um pedaço de terra, tal como um prado], podem por sua vez ser representadas como *progresso ao infinito* – como o suprasumir-se no “que-não-tem-medida”, e o restaurar-se nele da medida (Hegel, 1995, p. 217).

Assim resultam séries e *linhas nodais* de relações de medidas, por exemplo, no que se refere ao estado de agregação da água, os nós a 0 e 100 graus Celsius: ponto de congelamento e ponto de ebulição. O progresso infinito da linha nodal é de fato interrompido na natureza, porém, simplesmente continua na lógica. Somente na lógica, e não na realidade natural, é possível realizar o experimento de pensamento de que a linha nodal de relações de medidas, quer dizer, a inversão quantitativamente induzida de uma qualidade para outra, continua sem interrupção.

A transição para o sem medida resulta da seguinte consideração: Hegel frequentemente mostra como uma nova categoria surge na lógica por meio de processos que vão até o infinito. Em experiências de pensamento, pode-se deixar um processo correr ao infinito, o que é impossível na realidade. Por exemplo, ao reduzir constantemente o tamanho dos triângulos iguais inscritos em um círculo, pode-se chegar ao ponto em que os muitos triângulos se tornam um círculo. Portanto, pode-se calcular a área de um círculo como a soma das áreas de infinitamente muitos triângulos. Portanto, vale em geral que, ao executar processos até o infinito, é possível transferir estados de coisas uns para os outros. Desse modo, chegam-se a novos conhecimentos em experimentos de pensamento que vão além do mundo empírico ou real.

A medida, então, suprassume-se em *sem medida*, mas isso de tal forma que no sem medida, que é também uma unidade da qualidade e quantidade, ela se torna novamente medida, portanto, junta-se consigo mesma. “De fato, o que aqui sucede é que é suprassumida a *imediatez*

que ainda pertence à medida como tal” (HEGEL, 1995, p. 218).

Essa transição de qualidade para quantidade e de quantidade para qualidade etc., é uma variante da *determinação recíproca* do finito e do infinito, como ocorre no mal infinito. Como lá, também aqui, essa progressão sem fim se torna um círculo ou, melhor, dois círculos (qualidade - quantidade - qualidade; quantidade - qualidade - quantidade) e, nesses dois círculos, a passagem recíproca da qualidade para a quantidade está agora “*posta*” (HEGEL, 1995, p. 218). E com isso, a lógica do ser já está basicamente completa.

#### 4 Do Ser como indiferença absoluta para a Essência

A lógica do ser começa com a categoria básica da *qualidade*, que passa para a *quantidade* por causa de sua contradição interna, e a quantidade mostra-se também internamente contraditória e passa de novo para a qualidade na *medida*, quer dizer, de novo para sua *contradição*. A princípio, esse processo do regresso da quantidade à qualidade na medida ainda não era perceptível ao pensar lógico da quantidade, porque ainda não estava “*posto*”; somente nós, na apresentação lógica, já o vimos. Mas agora esse processo está posto na infinitude da ausência de medida.

Nesse contexto, Hegel afirma no §111 da *Enciclopédia* o seguinte: “O infinito, a afirmação enquanto negação da negação, em vez dos lados, mais abstratos, do ser e do nada, do Algo e de um Outro etc., tinha, pois, a qualidade e a quantidade como seus lados” (HEGEL, 1995, p. 218). A partir dessa afirmação, tem-se esta estrutura do infinito:



O infinito:

- + enquanto devir: ser – nada – ser
- + enquanto algo: algo – outro – algo
- + enquanto infinito verdadeiro: infinito - finito - infinito
- + enquanto medida que suprassume a si mesma:  
qualidade – quantidade – qualidade; quantidade – qualidade – quantidade

O *devir* infinitesimal e o algo que é idêntico a si mesmo não são candidatos adequados do infinito, pois o devir é infinitesimal e suprassume a si mesmo e colapsa no ser aí. O algo é infinito apenas dentro de si, mas na contraposição com o outro ele é também *finito*. A *medida* que suprassume a si mesmo também não é um candidata adequada do infinito, pois como o devir ela suprassume a si mesmo, e como o finito ela *persiste* em sua autosuprassunção. Ela persiste ainda mais inflexível do que o finito na lógica do ser aí, pois ela é um infinitamente ir junto consigo mesma na negatividade e na antinomia. Isso significa que, na lógica da medida, a negatividade e a antinomia se reproduzem repetidamente.

Do mesmo modo que o devir, a alteração e o infinito, a medida é uma unidade *dinâmica* de duas determinações quantitativamente determinadas, cada uma das quais é inconsistente e deve abrir espaço para sua contraposição. Então, na lógica do ser com a lógica da medida, a antinomia da medida é agora, por assim dizer, *plena*: toda a esfera do ser está agora comprimida na categoria básica singular do "ser", que é um *substrato de dois estados*. Esses estados são *qualidades* puramente *externas* (HEGEL, 2016, p. 403). No final da lógica do ser, a categoria básica do ser, que inicialmente estava submersa no devir e no ser aí, emerge novamente da base lógica, isto é, como o substrato dos estados de qualidades puramente externas, que são meramente funções dependentes da distribuição quantitativa desigual de seus fatores, e se suprassumem a si mesmos numa relação aniquiladora um com o outro. Na grande lógica, a indiferença representa essa relação aniquiladora de estados de qualidades como relação inversa de seus fatores.

Schelling entende o absoluto como indiferença absoluta na forma do "ser eterno" (SCHELLING, 1801, p. 115-130). Hegel (2016, p. 412), por sua vez,

critica essa teoria do absoluto como indiferença absoluta quando faz a transição do ser para a essência. No ser como indiferença absoluta, surge novamente o ser absoluto do início, que acaba sendo "eterno". O ser é, e é eterno, caso contrário, tudo seria nada. Usamos o atributo "eterno" porque, para Schelling, o absoluto como indiferença absoluta é o ser eterno imóvel. Porém, para Hegel o ser eterno é autonegação eterna, portanto, a posição de Schelling é insustentável, porque o ser eterno é permanente devir em movimento que suprassume a si mesmo.

O resultado da lógica do ser é o seguinte: a eterna categoria básica do ser emerge como o substrato de dois estados opostos de qualidades puramente externas que se suprassumem a si mesmos: dessa forma, toda a determinidade qualitativa do ser é negada e eliminada. Apenas a "indiferença absoluta" permanece: a indiferença absoluta é a última categoria da lógica do ser.

O ser *indeterminado* do início era a indiferença *abstrata*, abstraído de toda determinação. A pura *quantidade* também era indiferença, porém, ela era indiferente na medida em que todas as determinações eram *externas* a ela. A presente indiferença é *absoluta* porque se produziu por si mesma na suprassunção de todas as determinidades qualitativas do ser, e isso para toda a esfera do ser: "A determinidade é, nela [na indiferença absoluta], apenas ainda como estado, isto é, como um externo qualitativo que tem por substrato a indiferença" (HEGEL, 2016, p. 403).

A inconsistência da absoluta indiferença não pode mais ser remediada. Ela molda a *eterna* categoria básica do ser, não mais apenas a categoria básica *transitória* do ser aí. Portanto, ela [a inconsistência] mesma é eterna ou permanente. A filosofia de Schelling da identidade permanece presa a essa inconsistência do ser enquanto indiferença absoluta porque não faz a transição

do ser para a essência.

A *indiferença* absoluta é o substrato inconsistente de dois *estados* de qualidades inconsistentes, que são determinadas, como diz Hegel, pela *relação inversa de seus dois fatores*. Esses se suprassumem mutuamente, e se suprassumem neles mesmos – como o perecer e o nascer no *devir* inicial. “Cada um desses que deveriam ser fatores, igualmente desaparece, uma vez que um deve ser para *além* do outro, ao passo que deve ser *igual* a ele” (HEGEL, 2016, p. 407).

Na medida em que um fator vai (quantitativamente) além do outro, ele se torna tendencialmente o todo e, portanto, desaparece como um mero fator do todo. Ao ser igual, ele se torna indistinguível do outro fator e assim também desaparece como um fator bem determinado do todo; “mas, com isso, não são mais dois específicos e dois fatores, mas apenas o único todo” (HEGEL, 2016, p. 407).

Essa unidade, assim posta como a totalidade do determinar, como ela mesma está determinada nisso enquanto indiferença, é a contradição unilateral; ela precisa, com isso, *ser assim posta*, enquanto essa contradição que suprassume a si mesma, de modo a estar determinada para a autossustentação que é para si, a qual não tem mais por resultado e por verdade a unidade absoluta apenas indiferente, mas a unidade absoluta imanentemente negativa dentro dela mesma, que é a *essência* (HEGEL, 2016, p. 407-408).

A indiferença absoluta é a contradição unilateral: o ser eterno como sua própria autonegação, portanto, insustentável. Chegamos ao fim da lógica do ser, para onde vamos a partir daqui? O último pensamento lógico do ser é o ser eterno como sua própria eterna autonegação: a *indiferença* absoluta em sua contradição *unilateral*. Agora, então, o ser revelou-se a negação de si mesmo de tal forma que, fundamentalmente, a antinomia não pode mais ser desativada pela admissão de um *devir*, uma alteração ou uma suprassunção em uma categoria básica mais abrangente do lógico do ser (como no caso do outro de si mesmo ou no caso do finito). O ser eterno é eternamente autonegação.

Com isso, a empreitada da *Ciência da Lógica* como teoria sem pressupostos do absoluto, pa-

rece ter finalmente sofrido um *navrágio*. Toda a lógica do ser se suprassume em um naufrágio final, nesse caso “navrágio” significa apenas o sentido negativo da palavra “suprassumir”. Então, o que caracteriza a transição do ser para a essência?

Na transição para a essência, buscaram-se novas categorias e uma nova forma de determinação. A contradição da indiferença absoluta mostra que a diferença entre duas determinações qualitativas não pode ser entendida meramente como a distribuição quantitativa desigual de dois de seus fatores. A contradição descrita acima deixa claro que a delegação da diferença ou identidade de duas determinações qualitativas ao campo quantitativo não pode ser a palavra final ou a resposta conclusivamente válida para a questão do que significa ser um determinado.

A medida determina a natureza qualitativa e a alteração qualitativa como função de relações quantitativas e alterações quantitativas. A questão é que a lógica da essência passa para outras categorias, que também têm uma diferente forma de determinação. Hegel (2017, p. 53) as chama de “determinações refletidas” ou “determinações de reflexão”, que recebem seu sentido ou seu significado apenas de sua relação umas com as outras.

A lógica da essência desenvolve categorias e uma forma de determinação que têm o *fundamento* de suas relações entre si *nelas mesmas* ou em seus próprios fatores determinantes. Essas são determinações que se referem umas às outras por meio do que são nelas mesmas, isto é, uma determinação contém a outra em seu próprio conteúdo como, por exemplo, nas categorias da *aparência* e *essência*, da *reflexão* e *imediatidade*, da *identidade* e *diferença*, da *igualdade* e *desigualdade*, do *positivo* e *negativo* etc. As categorias de essência estão mutuamente postas uma pela outra, nenhuma pode ser pensada sem a outra. Elas contêm sua determinação correlativa em seu conteúdo e se relacionam estritamente umas com as outras. Assim, elas perdem a imediatidade que as categorias do ser, isto é, as categorias da qualidade e quantidade e da medida, ainda tinham em si mesmas.

## Considerações finais

A categoria da medida é a unidade de qualidade e quantidade de modo imediato. Algo é determinado como um qualitativo quantitativamente determinado. Um algo determinado está determinado por sua medida, o que significa que ele realiza os fatores determinantes nos quais ele se baseia em uma determinada proporção quantitativa.

A próxima etapa, a combinação de medidas autossubsistentes, mostra que um algo determinado pode entrar em combinações quantitativamente ordenadas com outros objetos de tipo comensurável por meio de sua relação de medida. Isso leva à linha nodal das relações de medida, isto é a, à transformação de um algo qualitativamente determinado em outro algo qualitativamente determinado devido ao excesso de sua quantidade.

Na etapa final, verifica-se que os algos qualitativamente determinados são uma mera função da distribuição quantitativa desigual de dois de seus fatores em uma moldura quantitativa fixa. Isso leva à dissolução da determinação qualitativa do ser na indiferença absoluta. O ser, como indiferença absoluta, é a negação de si mesmo, isto é, a contradição unilateral. O desenvolvimento da medida chegou, portanto, a um ponto lógico em que a categoria do próprio ser se tornou insustentável devido à sua contradição e, portanto, não pode mais ser remediada dentro da lógica do ser. Essa contradição só pode ser resolvida por um novo tipo de categoria e suas formas de determinação, que são desenvolvidas na lógica da essência.

Explicamos como a indiferença, quer dizer, a suprassunção da diferença das qualidades *a* e *b*, ocorre, na medida em que elas são determinadas pela relação quantitativa inversa de seus fatores qualitativos *x* e *y*. Como a determinidade qualitativa está inextricavelmente ligada ao ser (HEGEL 2016, p. 115): "a determinidade *que é*, é a *qualidade*", o próprio ser se nega a si com a negação de sua determinidade qualitativa. O ser é a sua própria autonegação. O ser como categoria básica tornou-se insustentável. Portanto, devemos passar para a essência, na qual o ser

é preservado, mas apenas como um momento subordinado da essência.

## Referências

HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas. A Ciência da Lógica. Em Compêndio (1830)*. Ed. 1. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

HEGEL, G.W.F. *Ciência da Lógica. 1. A Doutrina do Ser*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.

HEGEL, G.W.F. *Ciência da Lógica. 2. A Doutrina da Essência*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

SCHELLING, F.W.J. *Darstellung meines Systems der Philosophie (1801)* p. 105-212. In: *Sämtliche Werke*. K.F.A. Schelling (Org.). Bd. IV. Stuttgart 1856-186, 1801.

---

## Agemir Bavaresco

Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

---

## Christian Iber

Pesquisador da Universidade Livre de Berlim e Professor da Universidade de Freiburg. Possui doutorado em Filosofia - Instituto de Filosofia da Livre Universidade de Berlim (1986).

---

## Endereço para correspondência:

### AGEMIR BAVARESCO

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

Av. Ipiranga, 6681

Prédio 8, 4º andar,

Partenon, 90619-900

Porto Alegre/RS, Brasil

### CHRISTIAN IBER

Habelschwerdter Allee 30

14195 Berlin

*Os textos deste artigo foram revisados pela Mais H Consultoria Linguística Internacional e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*